

Sinopse (descartável) do conto DESCARTÁVEL

No confinamento da pandemia, um monólogo transversal sobre as várias incidências do vírus, reflectindo-se na sociedade em geral, e nos pensamentos de um ser.

Estes são múltiplos e variados, dando ao conto uma construção e dimensão em mosaico, com vários planos e texturas.

A vulnerabilidade e a brevidade da vida que se expõe ao ritmo de uma existência que deseja respirar vida.

DESCARTÁVEL

Inspira. Expira. Inspira. Expira. Inspira. Expira.

Os óculos embaciados, um passo à frente do outro, a vontade de pôr as mãos em mim, de me arrancar. Um corpo estranho noutro corpo se calhar não tão estranho, que segue o seu trilho, tentando caminhar impoluto. Ou pelo menos o desejo é esse.

Inspira. Expira. Inspira. Expira. Inspira. Expira.

“Que a força esteja comigo”, oiço continuamente este pensamento, um ofegar que lateja muito perto, um baque surdo no peito que o mundo não escuta, uma vibração que se perde nas dobras do espaço e do tempo.

E cheira a qualquer coisa não identificada. Será a última refeição? Não, não é aquela dos 13 à mesa, mas alguns acreditam que vem aí o Juízo Final. Haja juízo. De uma vez por todas.

Inspira. Expira. Inspira. Expira. Inspira. Expira.

Fico a saber que há um truque para os óculos embaciados. É simples: passa-se sabonete seco (não molhado) nas lentes e depois limpa-se com o habitual pano dos óculos. Funciona!

Inspira. Expira. Inspira. Expira. Inspira. Expira.

Funciona!

Cola-se a mim um bafo quente com o sabor da última noite. Quebrou-se a quarentena na cama, num convite que bateu à porta e se deitou nos lençóis. Provou-a, num risco a desafiar o vírus, contaminando-se de desejo.

“Fode-me!”

Arfa. Não arfa. Arfa. Não arfa. Arfa. Não arfa. Arfa. Não arfa.

E os comunicados, muitos comunicados:

“Atendendo à situação emergência de saúde pública de âmbito internacional, declarada pela Organização Mundial de Saúde, no dia 30 de janeiro de 2020, bem como à classificação do novo coronavírus como pandemia, no dia 11 de março de 2020, as instituições financeiras têm vindo a tomar decisões relativamente ao funcionamento das respetivas agências com vista a proteger a saúde dos seus clientes e colaboradores. De um modo geral, os diversos bancos têm, muito prudentemente, aconselhado os seus clientes a utilizarem os canais digitais para a realização das operações bancárias. Salvo em situações muito excecionais, as agências continuam a atender clientes, ainda que, em alguns casos, limitando o número de presenças dentro dos balcões.”

Inspira. Expira. Inspira. Expira. Inspira. Expira.

O dinheiro a ofegar. Começa baixinho, de uma forma quase imperceptível, mas depois aumenta a cadência, os pulmões da economia a sufocarem no pânico que o vírus instala em todos os alvéolos. Tem o seu preço, custa mais à economia, dizem.

Contrair. Descontrair. Contrair. Descontrair. Contrair. Descontrair.

Toda a gente fala da quarentena. Mas eu é que tenho estado em quarentena, arrumada num canto qualquer, quieta, sem me mexer. E filtro-me estática em silêncio, aguardando que uma respiração me acorde, tal como o beijo de um príncipe a despertar a sua beldade.

É um calafrio que sinto, as mãos que me tocam e que me pressionam quando me colo a alguém. E, quando sinto aquela primeira respiração, quero adivinhar que tipo de pessoa é, como irá tirar partido de mim. Deixo-me ir na sua inexperiência. Não posso nem a consigo guiar. Há. Apenas. A. Esperança. De. Que. Irá. Ficar. Tudo. Bem.
“O caralho!”

Inspira. Expira. Inspira. Expira. Inspira. Expira.

Gosto dos olhares, olhos nos olhos. Castanhos. Azuis. Verdes, poucos. Ficam esbugalhados de espanto. Ou então olham de lado, acompanhando o movimento, como se estivessem a observar um ser de outro planeta.
“I am your father.”

Quando saio reparo que há poucas crianças nas ruas. Ou antes já havia poucas crianças? Dizem que a taxa de natalidade tem vindo a baixar muito. Agora os mais novos estão em casa e têm aulas pela televisão e nas casas há ecrãs por todo o lado. Os computadores, as TVs, os telemóveis. Claro que há casas onde nada disto existe, onde a internet chega mal e porcamente, onde os frigoríficos e as despensas começam a ficar vazias, onde a vida começa a querer fugir da morte que se avizinha lá ao fundo.

Inspira. Expira. Inspira.

Em todo o lado fala-se muito deste novo vírus. Que veio da China. Que tudo começou num mercado. Os animais exóticos, e outros, empilhados e a suas secreções e fluidos e mijo e merda a escorrer, como a areia que se coloca num frasco cheio de pedrinhas, preenchendo os espaços vazios. E nada mais cabe. E tudo rebenta.

“Vai correr tudo bem. Vai correr tudo bem. Vai correr tudo bem.”

Já não posso ouvir mais isto. Já não posso ouvir mais isto. Já não posso ouvir mais isto.

Inspira. Expira. Inspira. Expira. Inspira. Expira.

Eu quero uma história, que me contem uma. Só uma. E sabem qual é a minha?

Não a quero contar. Até porque ainda não a conheço muito bem.

Pode ser uma história com animais. Agora até se ouvem. Os pássaros estão em todo o lado. Cantam as primeiras melodias da Primavera, espantados por ouvirem menos carros, por haver mais pessoas às janelas. E até há animais maiores a sair dos seus espremidos territórios. Sim, os animais há muito que estão confinados numa Natureza que cada vez tem menos espaço para eles. E isso dá-me claustrofobia, até mesmo a mim, que tenho passado a maior parte do tempo esquecida num canto.

Sufocar. Não sufocar. Sufocar. Não sufocar. Sufocar. Não sufocar.

E a história? Não a minha. A dos animais. Ou uma de que ouvi falar um dia destes. Acho que ainda sei o início:

“Xu é uma menina alegre e curiosa. Ela anda sempre na companhia do seu cão, um labrador de cor preta que se chama Biju. Eles são inseparáveis.

Xu vive com os pais numa grande cidade mas, por alturas do Natal, vai passar uns dias com os avós. Eles vivem junto a uma montanha, numa casa de pedra, rodeada de pinheiros e eucaliptos por todos os lados.

Os pais de Xu levam-na até lá.

— Porta-te bem, não arrelies os avós, come tudo, não te constipes.

Todas as mães dão estes conselhos, a de Xu também.

— Voltamos daqui a uns dias para o Natal — diz o pai.

O Inverno estava prestes a começar mas ainda não tinha feito frio. Tinha chovido pouco e o sol ainda brilhava forte, tal como no princípio do Outono. Os avós ainda se lembravam do frio de outros tempos. “Até nevava!”, recordavam com um sorriso de saudade.

Ora aí está uma coisa que Xu ainda não tinha visto: neve! Já a conhecia de fotografias, de filmes e de desenhos mas nunca atirara bolas de neve, nunca vira os telhados das casas brancos, nunca pisara os caminhos como se fossem tapetes fofos.

— Todas as árvores à volta da casa ficavam branquinhas — explicou a avó.

— E eu tinha de pegar numa pá para tirar a neve da entrada da porta. Fazia muito frio mas eu até gostava — acrescentou o avô, entusiasmado.

— O teu avô chegava a casa a tremer mas bem disposto. Eu tinha a lareira acesa e dava-lhe uma chávena de leite quente com chocolate — disse a avó com ternura.

— É uma coisa mágica ver os flocos de neve a cair. Parece que dançam suavemente e depois caem sem barulho, ficando tudo silencioso e branquinho.

Os olhos do avô brilharam. E a avó lembrou-se de algo muito especial.

— Um dia o avô trouxe-me um floco de neve. Ele estava na luva e era tão bonito! Era muito brilhante e ao olhá-lo de muito perto reparei que tinha seis braços. Sabias que os flocos de neve são todos diferentes uns dos outros?

O cão ladrou, percebendo o que a avó da menina quis dizer. Xu ficou maravilhada mas pensativa: “Eu quero ver um floco de neve. Parece ser uma coisa muito bonita!” Será que vai nevar? Eu gostava tanto...”

Eu também gostava tanto. Gostava tanto de conhecer mais pessoas. De sentir o seu toque. De ver nevar. De saber o que é um floco de neve. De conhecer avós e avôs.

Inspira. Expira.

Mas a pessoa com quem eu estou será a última com quem eu estarei. E duas coisas podem acontecer: ou ela morre primeiro; ou eu sou atirada para um esconderijo assim que tudo isto passar. Tudo é possível ao mesmo tempo. Um simultâneo orgasmo de morte. Há quem os deseje. É só ver as redes sociais e dar conta dos inúmeros profetas da desgraça, do apocalipse, todos os velhos do Restelo juntos e irados a desejarem secretamente que este navio afunde. E com ele todos os seus passageiros e tripulantes. Mas é verdade que não irá ficar tudo bem. Quem crê nisso ainda tem uma síndrome de Peter Pan bem entranhada. Prefiro o Pai Natal. Nesse só mesmo as crianças acreditam. Acho eu.

Creio. Não creio. Creio. Não creio. Creio. Não creio.

Aprendi palavras novas. Quarentena. Mitigação. Confinamento. Álcool-gel. As palavras são como os vírus. Bons. Mas há muitas palavras que não usamos. Algumas ficam escondidas nas páginas dos dicionários, entaladas por outras mais utilizadas. E depois, em condições extraordinárias, saltam dos calhamaços e conhecem a luz do dia. Dão outro brilho ao léxico. Mas há umas que se inventam, formando-se através de outras, transmutando-se em novas estirpes que se transfiguram de tempos a tempos. Tal como os vírus. E um dia, elas mesmas, conquistarão as suas linhas nos dicionários. Para depois, porventura, por lá ficarem esquecidas.

Quantos sinónimos de “respirar” existem? Inalar. Aspirar. Inspirar. Não há muitos mais. Absorver será? Infiltrar? Não me parece. Os pulmões regem-se por dois simples movimentos. Inspirar. Expirar. O primeiro oxigena o sangue. O segundo expulsa o dióxido de carbono.

Quantos humanos habitam a Terra? Mais de sete mil milhões? Se eu me aliasse às teorias da conspiração diria que está aí a origem do aquecimento global. Sete mil milhões de indivíduos a expelir dióxido de carbono na atmosfera. É isso! Para o planeta os vírus somos nós. E somos muitos. E, ao longo dos séculos, ele vingava-se com doenças e pragas, como um deus esférico que lima com natural precisão as suas arestas mais pontiagudas.

Inspira. Expira. Inspira. Expira. Inspira. Expira.

O que faço eu? Qual a minha função? Qual a minha bondade? Fui preparada para o quê? Há um filme em que um miúdo faz o que o coração lhe disse para fazer. Tem um prato de comida, mas pega num guardanapo e retira metade da sua refeição e coloca-a nele, dobrando-o cuidadosamente. Será para o seu irmão. É altruísmo? É amor? É isso o que as médicas e os médicos estão a fazer? E os enfermeiros e as enfermeiras? E todo o pessoal médico auxiliar? É a função deles, é a bondade deles, é o amor deles. Acredito.

E, por momentos, sustenho a respiração.

[]

O rosto que se vira para o outro lado num transporte público e que expele o seu olhar para além da janela vendo a paisagem a desfilar campos esparsos e casas e prédios e depois o olhar volta para dentro no túnel e ao voltar para dentro começa a aperceber-se de outros rostos reflectidos nos vidros e que também se recolhem em si mesmos escondidos atrás de algumas máscaras pois nem todos as usam e depois o túnel termina e os olhares partem de novo lá para fora quando o comboio apita e apita e apita e uma voz se ouve no sistema sonoro das carruagens.

Respiro de novo.

E lembro-me daqueles enormes olhos azuis.

Foi numa farmácia, um vidro a aumentar a distância social. Como se ela tivesse sido sempre muito chegada. Antes do vírus já havia pessoas confinadas em si mesmas. Sem hipótese de verem aqueles enormes olhos azuis.

Foi numa farmácia. Sim, já disse. E repito. Foi numa farmácia. Um propósito único: comprar álcool-gel. 1 Litro. Descobri que há garrafas de gin ou de vodka que custam menos. Mas eu só vi os olhos. Como imensos faróis da cor do céu. Subi às nuvens. Mas logo desci: “O IVA do álcool-gel são 23%. Vá lá a gente entender isto.” Os olhos tinham voz. Soaram numa simpática neutralidade, uma justificação para os 18€ o litro.

E as coisas que o recolhimento faz. Pesquisar a internet, pesquisar as redes sociais, espiolhar o facebook. E assim chegar ao nome da pessoa daqueles olhos azuis. A pandemia estimula outros recursos. Ser-se detective é um deles. Ser-se stalker é outro. Ok, neste caso os dois são apenas um. O mesmo. E por trás da máscara esconde-se um sorriso. Terá sido uma infecção de amor? Duvido. Apenas uma mera desculpa para práticas onanistas. Só por causa daqueles olhos azuis.

Fantasiar. Não fantasiar. Fantasiar. Não fantasiar.

Sempre que chego a casa tenho um copo à minha espera. É um conforto. Um alívio. O receio e a solidão fazem-me ver o copo meio vazio. Mas eu prefiro meio cheio. De qualquer coisa. De preferência sem álcool.

“Vai ficar tudo bem.”

Uma vez mais oiço isto. É um rumor em surdina, um convencimento tolo, o desejo de que tudo volte ao que antes havia. Um regresso ao passado, mas esse ficou lá trás, numa altura em que os aviões se escutavam sobre as nossas cabeças, imaginando de onde vinham ou para onde iam. O tempo é contínuo mas é relativo. Einstein estava certo. Há um tempo antes e um tempo depois. A COVID-19 é o presente. Envenenado. Um vírus que é um zombie, que se atraca a um corpo como um navio-fantasma a um cais que se quer de acesso restrito.

Veio da China, navegando por mares de nuvens e por rotas que já não são de seda. Diz-se que se propagou como um rastilho nauseabundo num certo mercado de uma grande cidade.

Mas há outras teorias, a maioria da conspiração. Que foi feito num laboratório, e que depois se descontrolou. Que não tinha lugar reservado nas asas de morcegos ou que não se locomoveu nos focinhos dos pangolins. Até um certo ministro brasileiro já o chamou de comuna vírus.

“Avante, Covimarada, avante.

Junta a tua à nossa doença veloz.

Avante, Covimarada, avante.

E o vírus se espalhará por todos nós.”

É uma ideia sinistra mas com um não sei quê de romantismo. Uma comunhão à escala planetária, resguardando muitos de nós nos apartamentos, nas casas, espaços separados que obrigam à convivência, quer ela seja desejada ou não.

“Até que a morte nos separe.”

Faz todo o sentido. Um casal confina-se em si mesmo durante mais de um mês, quer ainda haja amor ou não. É sofrimento. Ou alívio.

Uma. União. Respira. Saúde. Caso. O. Amor. Exista. Se. Não. Existir. Extingue-se. Num. Último. Suspiro. De. Vida.

Viver. Morrer. Viver. Morrer. Viver. Morrer.

Acabei de saber que não irei durar muito mais tempo. Acho que me programaram para uma existência curta. Terá sido um desígnio de Deus? Dizem que ele é o criador de todas as coisas, logo eu devo ter sido obra dele. Mas tenho dúvidas. Muitas. Mas quem sou eu para questionar este tipo de assuntos? Só tenho de me reduzir à minha tarefa, e que não é pouca. Não me vou pôr a choramingar, a dizer mal da minha vidinha, a fazer-me de vítima. Reparem bem, eu não consigo verter uma única lágrima. Deve ser defeito de fabrico. Mas também duvido disso. Sou tão bem feitinha!

Tenho curvas perfeitas. Ajusto-me bem a quem irá tirar partido de mim. Sou flexível. E entrego-me apenas a uma pessoa (pelo menos assim deveria ser). Imaculada. Virgem. Ainda me irão venerar. Mas sei que no fundo todos me detestam e que sou apenas uma necessidade. Pois, sou descartável, como quase todas as pessoas.

Inspira. Expira. Inspira. Expira. Inspira. Expira.

Um dia destes alcoolizaram-me. Não estava à espera. Sucedeu tudo de forma tão rápida, como quando se bebe um shot ou dois e ao terceiro cai-se para o lado. E há tantas histórias dessas antes da COVID-19. Com miúdos e miúdas, em bares, à noite. Os pais desconfinam-os em zonas de animação nocturna e pronto. Alcoolizam-se.

Beber. Não beber. Beber. Não beber. Beber. Não beber.

Comigo não foi consentido. Borrifaram-me com essa porcaria fortíssima e deixaram-me a destilar os vapores etílicos, encostada a um canto, numa casa de banho fria. Estava limpa, o que conferiu alguma dignidade à ocorrência. Mas apagaram a luz e por lá fiquei.

Tive um sonho.

Ou será que alguém sonhou por mim o sonho que julguei ter?

Uma longa praia, uma mulher e um homem caminham lado a lado. É fim de tarde. E andam com os pés dentro da água fria, as ondas agora em miniatura a desembarcar a sua última espuma nos tornozelos. Não caminham de mãos dadas, mas riem muito e tocam-se e empurram-se, como dois adolescentes que, pela primeira vez, estão à vontade um com o outro.

Há algo invisível que os une. Mas também há uma linha imaginária que não permite que sejam um casal, que sejam amantes. Refugiam-se atrás de ironias e de humor. Tal como dois miúdos, incapazes de lidar com o peso das emoções mais profundas. Por isso fogem das ondas grandes, essas ficam lá ao fundo, assustadoras, intransponíveis.

Amar. Não amar. Amar. Não amar. Amar. Não amar.

E de novo. Borrifam-me de novo. Com álcool. Não digo nada. Não posso dizer nada. Na ressaca vejo e escuto as notícias na televisão, na internet, nos jornais. Sei de tudo um pouco sobre o vírus e de todo não sei nada.

Passam-se dias em que não saio de casa. No confinamento da pandemia folheiam-se mais capas de livros, escutam-se mais CDs, somos espectadores de mais filmes e séries. E vamos mais vezes ao frigorífico ou à despensa. Ou à caixa das bolachas.

Ler. Ouvir. Ver. Comer. Ler. Ouvir. Ver. Comer. Ler. Ouvir. Ver. Comer.

No apartamento onde estou o frigorífico está na sala, ao lado do móvel que tem o microondas e este ao lado do móvel da televisão e da aparelhagem de som e vídeo. Não é habitual mas faz mais sentido. Está tudo concentrado para nos focarmos nos pequenos prazeres da vida: comer, beber. E não fazer nada em frente à TV. Mas não é verdade. Hoje em dia muitos estão com os olhos em dois ou três écrans ao mesmo tempo. Camaleões humanos com ópticas giratórias, cada uma delas independente da outra. Ou, fazendo uso de um ditado popular, agora mais do que politicamente incorrecto, “Um olho no burro, o outro no cigano”. Uma conferência sobre os resultados do dia referentes à COVID-19, uma sequência porno no tablet. Não é a mesma coisa, mas ambas podem ser pornográficas (uma delas é de certeza!). Numa é uma questão de números, noutra de centímetros. Está tudo relacionado.

Não é esse o grande desígnio do Universo? Que nada acontece por acaso, que uma borboleta bate as asas no raio que a parta e alguém leva com uma viga de aço nas trombas, algures numa parvónia qualquer. Se tudo está ligado, como se diz, então o Universo é mesmo fodido. Por isso, queiram ou não queiram, tomem lá com o vírus. Era uma coisa lá longe, na China, ah, isso não vai cá chegar, isso é para os chinocas, eles que fiquem ainda mais com os olhos em bicos com o raio do bicharoco. E coiso e tal. Mas de repente, sem se estar à espera, alguém bate à porta.

Abrir. Não abrir. Abrir. Não abrir. Abrir. Não abrir.

É a COVID-19. É o bicho, é o bicho. Vou-te devorar.

Não tenho medo. O vírus não me faz mal. Ele até pode pousar em mim para ver se eu lhe dou troco. Não terá essa sorte. Sou uma donzela que agora está sempre presente, e que sabe as suas responsabilidades. Fui concebida para isso, mas não para muito mais. É a minha natureza. Ou antes, a nossa natureza. Já tenho tantas variações. E cores e tamanhos.

Reparo na estranheza que é a primeira vez que me encaram e que sou levada para todo o lado sem medo das aglomerações dos transportes públicos e dos ajuntamentos em espaços bem confinados que isto do contrário do recato é como um parágrafo onde se amontoam palavras umas em cima das outras e ainda por cima sem o descanso de uma pontuação que delimita as frases pois que estas se contaminem umas às outras mas procurando fazer sempre sentido.

E concentro-me de novo no acto de respirar, como se estivesse numa aula de meditação.

Inspira. Expira. Inspira. Expira. Inspira. Expira.

E fico molhada. Por dentro. O ofegar de um instinto básico e o vapor que se concentra em mim em cada bafô quente, em cada respiração.

Já não tenho nada a esconder, esta pandemia revelou-me ao mundo como um acessório essencial. Respirar é preciso. De preferência sem vírus. E, afinal, é ele que me derrota, que me atira ao chão ou me entulha num caixote do lixo. Quando o corona alastra a todas as minhas fibras, é tempo de me ir embora. E não há ventilador que me valha.

Finalmente caiu a máscara, um último sopro e eu desço aos confins de um contentor de resíduos urbanos. Ou outro local pouco aprazível.

Sim, sou descartável. Mas não são assim todas as pessoas? Mas essas ainda têm um nome. Já eu sou baptizada com siglas e letras e números. Por exemplo, KN95 CE FFP2 EN149:2001+A1:2009. Uma equação de vida contra o contágio? Com filtro de partículas GB2026-2006.

Provavelmente a minha espécie, se é assim que se pode chamar, não se irá extinguir. Tal como o vírus. Estaremos por cá para assistir a novas mutações, novos confinamentos. E haverá uma outra eu nos rostos das pessoas, a sentir e a escutar algo que tem tanto de vital como de básico.

Ou claustrofóbico.

Inspira. Expira. Inspira. Expira. Inspira. Expira.

*Conto inspirado e expirado por:
Incrível Almadense*